

CRÔNICA

Fabíola Góis fabiolagois@gmail.com

O jazz é popular, sim!

O jazz apareceu tarde na minha vida. Por desinteresse e por uma certa resistência à música americana, deixei o gênero de lado. Nordestina e pernambucana com orgulho, preferia os acordes da sanfona do forró e o trompete do frevo. Para mim, havia uma certa aura intelectual no apreciador do jazz, e eu não conseguia acompanhar as conversas de amigos sabidos e amantes do ritmo que surgiu nas comunidades afro-americanas do sul dos Estados Unidos, especialmente em New Orleans, no Estado da Louisiana.

Tenho uma amiga louca por New Orleans, um amigo que canta na Geriatric Blues Band, banda brasiliense que homenageia os principais nomes do blues e do jazz, e estive algumas poucas vezes no Buraco do Jazz, projeto cultural de Brasília que promove o gênero nas ruas da cidade desde 2016. Mas nada disso despertava minha paixão pelo ritmo. Só mesmo quando pisei no “berço do jazz”, em abril deste ano, é que entendi o poder inebriante do gênero e entendi como há tanta gente idolatrando músicos que nunca nem tinha ouvido falar.

Foi na Bourbon Street, localizada no French Quarter, o bairro mais antigo e histórico de New Orleans, que

me dei conta de que o jazz é popular. Preto, branco, rico, pobre, homens, mulheres, pessoas trans, crianças, idosos, todos hipnotizados pelo som dos saxofones, trompetes, trombones, pianos entre outros instrumentos que transformam notas musicais em um calor que parece transpirar de cada esquina, de cada bar e de cada varanda. New Orleans é uma cidade em que a música é tão essencial quanto respirar, onde cada acorde narra uma história de luta, de liberdade, de amor e de união.

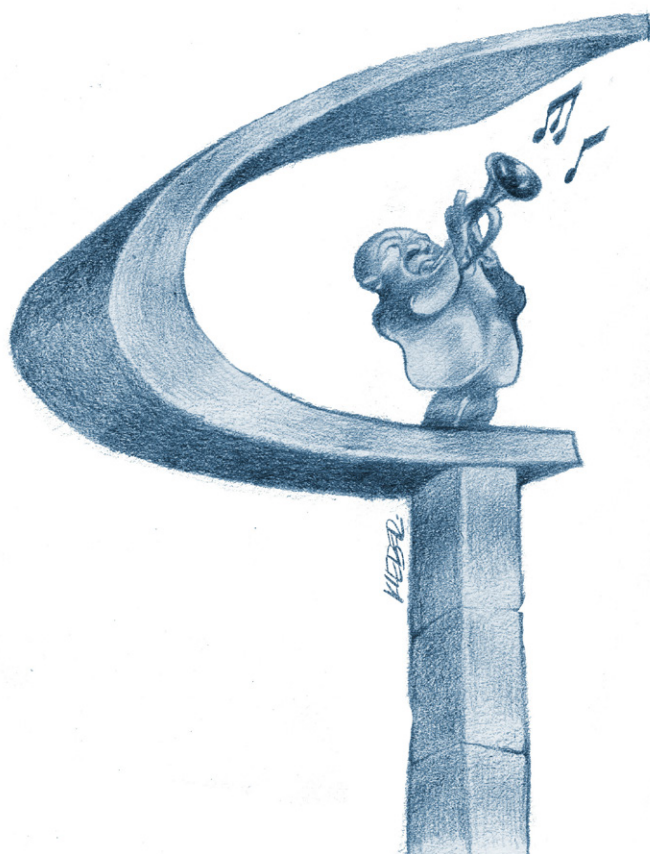
Foi assim que me apaixonei pelo jazz... em New Orleans. Mas é em Brasília onde sinto o grito de identidade, de resistência, da

fusão de ritmos africanos e americanos tocados pelas mãos talentosas de músicos brasilienses que passam longe da fama daqueles que tocam pagode ou sertanejo. Depois de quase quatro anos fora de Brasília, volto com a sensação de que o brasiliense está sedento por ocupar espaços públicos, ouvir música de qualidade e variar de ritmo, dando chance para o blues e o jazz.

E, nessa atmosfera, fui parar, novamente, no Buraco do Jazz. Ele começou tímido no gramado do Eixão, à altura da 214 Sul. Em seguida, passou pelo Complexo Cultural da Funarte e Parque da Cidade. Agora ocupa um lugar nobre, debaixo da Bandeira Nacional, na Praça dos Três Poderes,

às quintas e sextas-feiras. Grupos de amigos das mais variadas idades chegam com cangas, banquinhos, vinho, tira-gostos e se esbaldam em uma atmosfera de trocas, de risadas e de boas conversas.

Fiquei imaginando a Bourbon Street nos anos 1920, fervilhando com o som do trompete de Louis Armstrong, as notas vibrantes do clarinete de Sidney Bechet, e do ritmo charmoso do saxofone de Johnny Dodds. Brasília está longe de ter uma rua como a Bourbon Street, com bares e pubs tocando jazz dia e noite e músicos improvisando baterias com latas reunindo milhares de pessoas, mas público apaixonado por jazz e blues ela tem.



A efervescência cultural da capital do Brasil lembra — com suas devidas proporções — a espontaneidade caótica das ruas de New Orleans e permite que o jazz se desenvolva de forma orgânica. É uma celebração aos grandes mestres do gênero e revelação de novos músicos em meio ao Cerrado árido, à arquitetura de linhas retas e em lugares muito pouco propensos a abrigar a improvisação do jazz.

Distante da Praça dos Três Poderes, na altura da 207 Norte, o Eixão do Lazer também se transforma em outro reduto dos amantes do jazz. Por volta do meio-dia, aos domingos, os músicos chegam com instrumentos de sopro, com violões, guitarras e baterias. O vinil também tem seu lugar de destaque. O brasiliense se espalha pelo gramado com cangas e coolers, e se entregam à atmosfera de celebração dos domingos descansados e dias ensolarados.

O jazz é uma música que transcende fronteiras, que se adapta e evolui, mas nunca perde sua essência de liberdade e expressão popular. Em Brasília, assim como em New Orleans, o jazz é mais do que um gênero musical; é um manifesto de vida, um convite à improvisação, à criatividade e à celebração do momento presente. Os brasilienses, de fato, encontraram um modo singular de abraçar o jazz. E eu me incluo nele.